

UMA ASSOCIAÇÃO MUTUALISTA DE HOMENS DE COR QUE APRENDIAM AS PRIMEIRAS LETRAS

Resenha: MAC Cord, Marcelo. *Artífices da cidadania: mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista*. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2012. 438p.

Jucimar Cerqueira dos Santos

Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia-UFBA¹

Artífices da cidadania foi publicado em 2012, resultado de uma tese defendida na Unicamp que recebeu o Prêmio Capes de Teses 2010 na área de História, confirmando a importância do livro para a atual historiografia. Esse trabalho evidencia uma análise densa de numerosas e diversificadas fontes, além de tabelas e ilustrações fundamentais para sua compreensão, a partir de dados como profissões, nacionalidades, estado civil e grau de instrução dos integrantes da *Sociedade de Artes Mecânicas*. As fontes são matrículas dos sócios e alunos, os registros de notas do IPHAN do Recife, livros de Atas e contas correntes, presentes na Universidade Católica de Pernambuco. Também foram utilizados documentos produzidos também pelas elites letradas, depositados no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, livros referentes à Instrução Pública, jornais, relatórios governamentais, folhetos oitocentistas e inventário no Arquivo Nacional da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A *Sociedade de Artes Mecânicas* foi formada em 1841, a partir da iniciativa do carpinteiro José Vicente Ferreira Barros e considerada uma organização atípica para o período, pois foi liderada por pessoas de cor durante toda sua história. Ficava situada em Recife, ao lado da sede da Irmandade de São José do Ribamar, confraria responsável pela emissão das “cartas de examinação”, (documentos que habilitavam os mestres nos ofícios de pedreiros, carpinteiros, marceneiros e tanoeiros desde o século XVIII) e mantida pelo apoio religioso da congregação paroquial e por parte do grupo de artífices.

O argumento principal de Marcelo Mac Cord nesse trabalho baseia-se na existência de uma classe operária composta por homens livres e de cor em uma sociedade

¹ Email para contato: jucimar18@yahoo.com.br

escravista. Segundo ele, o mais importante sobre a *Sociedade* é a maneira como se manteve ao longo desses anos e, a partir dessa perspectiva, ele desenvolve uma obra com uma escrita atenta, clara e cuidadosa, fazendo o leitor entrar em contato com uma organização de destaque na vida social recifense oitocentista. Trabalho, educação, exercício de cidadania, articulação econômica e política são características da obra em que alguns feitos de trabalhadores da construção civil são analisados. Um texto que conduz à compreensão de um modelo de mutualismo, um tipo de escolarização muito evidente no final do século XIX no Brasil e, principalmente, o protagonismo de sujeitos do ramo das edificações, numa sociedade a caminho crescente do desenvolvimento industrial.

Esta uma obra de história do trabalho e de história da educação ou de história social do trabalho e educação, levando em consideração a importância dada à educação na *Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais*, a partir das escolas noturnas que foram de muita importância nas três últimas décadas do século XIX para a instrução de muitos trabalhadores brasileiros. Além de Pernambuco, esse tipo de escolarização ocorreu em muitas províncias e de duas formas, ou ligadas a uma associação de trabalhadores ou em escolas que já aconteciam aulas durante o dia. As aulas noturnas da *Sociedade* foram uma das primeiras que constam em estudos sobre esse tipo de escolarização no Brasil, embora a partir da década de 1870 estabeleceram-se aulas, escolas ou cursos noturnos na Província da Bahia, Sergipe, Alagoas, Maranhão, Pará, Amazonas, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná. Escolas voltadas para jovens e adultos que trabalhavam durante o dia, até com alguns escravizados. Essas escolas ofereciam o ensino, basicamente, da escrita, leitura e contagem. Algumas dessas escolas foram além, como no caso da própria *Sociedade* em xeque, nela houve aulas também de geometria, desenho linear e línguas estrangeiras, como o francês.

Mac Cord traz à tona a trajetória de uma *Sociedade* que além de auxílio mútuo, prezava intensamente pelo aprimoramento dos ofícios através de aulas noturnas, tanto para os associados, quanto para alunos externos, o que evidencia que seu trabalho é uma análise de um grupo de importantes agentes políticos e pedagógicos, mas que não integravam os altos níveis da sociedade recifense. Isso se deu diante de um mercado de trabalho abalado com a extinção das corporações de ofício decretada na Constituição de 1824, em que esses homens acionaram as suas redes políticas e tomaram a frente do processo de formação nas artes mecânicas daquela instituição. Entre a concessão de

pecúlios, a captação de serviços e a formação continuada, esses homens alcançaram certo nível de organização política e criaram um espaço importante de poder através da experiência conquistada ao longo do tempo. Entre os seus principais concorrentes estavam os estrangeiros – em sua maioria portugueses, franceses e alemães - que ostentavam a marca do “progresso” e “civilização” do trabalho.

A conexão que o autor faz entre a *Sociedade* e seu contexto é de fundamental importância para entender a complexidade que ela possuía, pois a conjuntura política da década de 1850, com a segunda proibição do tráfico atlântico de escravos, deu força à instituição intensificando a possibilidade de término da escravidão. Seus líderes transformaram-se em um dos principais interlocutores do governo pernambucano em torno da questão do controle da mão de obra livre. Eles tiveram articulação com as elites letradas, políticas e econômicas recifenses, construindo uma estrutura que lhes possibilitaram domínio sobre o “cenário” da sua área profissional e a garantia de sobrevivência para os sócios e seus familiares. Tudo isso, percebe-se pelas formas de adequação que tiveram às mudanças da época e por manterem-se em vigência. Através das redes de contatos com essas elites, a *Sociedade* teve seu nome mudado, passando a chamar *Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais*.

A obra é dividida em cinco capítulos, tem recorte cronológico entre 1836 e 1880, discute o processo de formação e transformações internas da *Sociedade* em diferentes conjunturas políticas e sociais, bem como os desdobramentos que levaram a sua vinculação ao Liceu de Artes e Ofícios, na década de 1870. O primeiro capítulo, chamado *Inteligencia e Progresso*, relaciona a educação com a busca de grupos econômicos e políticos por “progresso” e analisa quem eram os sócios que através de uma ligação com a “modernização” brasileira em desenvolvimento, desviavam do estigma da escravidão, conquistando reconhecimento de suas qualidades e potenciais profissionais.

O segundo capítulo é uma discussão sobre a necessidade de aprimoramento dos sócios através da aprendizagem das primeiras letras, pelo método adotado em algumas escolas profissionalizantes europeias, o “sistema” do Barão Chales Dupin. A partir da perspectiva de Dupin, os demorados processos de aprendizagem das oficinas e o monopólio do conhecimento artesanal deveriam ser anulados e a sociedade deveria substituir as rotinas corporativas por uma instrução mais geral e circunscrita às exigências da labuta diária. Ler, escrever, contar e conhecer alguns princípios da geometria e da mecânica era considerada a educação suficiente para os operários.

O terceiro capítulo realmente é o intermediário no livro que possui cinco e faz jus a fase transitória do curso da *Sociedade*, pois se tratou de um período quando a legislação imperial de 1860 pretendia estabelecer a forma de como esse tipo de instituição deveria proceder e daí os sócios se articularam, principalmente junto às elites já citadas, para manutenção e reestruturação da organização. Nesse mesmo tempo, em consequência dessas articulações, a organização dos cargos internos ia se desenhando não somente pelo desempenho dos associados, mas pela capacidade de contatos e relações com autoridades cada vez mais importantes, como Presidentes da Província e Diretores da Instrução Pública. Cargos de liderança foram disputados até o ponto da expulsão da organização de mutualismo de sua sede original. As consequências dessas questões o autor dedicou analisar no capítulo seguinte, principalmente a evasão de alguns sócios e a diminuição de aulas oferecidas, assim como a criação do Liceu de Artes e Ofício que marcou uma nova fase da associação e mais uma mudança que garantiria sua permanência com produtividade considerável na sociedade recifense. A *Sociedade* no comando do Liceu passou a ter o reconhecimento de sua experiência político-pedagógica e estímulo para competir com os “capitalistas” que atuavam no mesmo ramo a partir de um modelo mais industrializado.

No último capítulo o autor remonta os últimos dados apresentados na documentação, realizando um desfecho conclusivo sobre a relevância de uma *Sociedade* composta por homens livres, com erros e acertos, qualidades e defeitos, que de forma específica, desviaram da possibilidade de escravidão ou reescravização, se impondo por meio da qualificação contínua de seus trabalhos, elaborando suas formas de exercício de cidadania, a partir do que estava posto naquela sociedade e das demandas que ocorriam e interferiam na associação.

Portanto, este livro analisa também a vida de trabalhadores que não eram os das fábricas, quebrando o estigma da unicidade do operário somente fabril e abre à reflexão de que é possível tal estudo. Há um trabalho de identificação de quem eram esses sujeitos e de que forma atuavam na sociedade da época, com seus ofícios, conflitos e práticas cotidianas, sendo a maioria pedreiros e carpinteiros, entre criolos, pardos, pretos e brancos. Logo, verifica-se uma agradável leitura e uma importante obra de história social brasileira do trabalho e educação, evidenciando a possibilidade de análise dos *mundos do trabalho* e história da educação, com uma rica variedade de fontes, abordagens e um método dinâmico que vai além dos estudos sobre currículo e dos conteúdos lecionados nas aulas

noturnas. Tal análise evidencia ligações entre o “fazer-se” da classe operária inglesa e os trabalhadores livres de cor brasileiros, deixando nítida a forte influência teórica thompsoniana pelo vies da história social e cultural dos sujeitos que não eram integrantes das camadas elitistas.